



A contribuição de Ferenczi ao conceito de contratransferência: Comentário

*Patrícia Fabrício Lago**, Porto Alegre

*Clarice Kowacs**, Porto Alegre

*Lúcia Thaler**, Porto Alegre

* Membros Aspirantes da SPPA.

Revista de Psicanálise da SPPA, v. 15, n. 3, p. 523-533, dezembro 2008 □ 523



Martín Cabré parte do fato de que Sándor Ferenczi foi um dos raros analistas que buscou aprofundar e desenvolver uma teoria sobre a contratransferência no longo intervalo entre a introdução do termo, por Freud, em 1910, e a aparição, quarenta anos após, dos trabalhos de Winnicott, Racker e P. Heimann sobre o tema. Destaca que, por um dos processos de censura mais chamativos da história da psicanálise, as contribuições de Ferenczi foram “esquecidas” e relegadas ao silêncio, embora antecipassem em muitos anos os aportes de inúmeros autores que situaram na contratransferência a chave para compreender e esclarecer a problemática inconsciente dos pacientes. Salienta que ainda hoje é possível encontrar trabalhos exaustivos sobre a contratransferência que nem sequer mencionam o nome deste pioneiro da psicanálise.

Assim, o objetivo do trabalho de Martín Cabré é demonstrar que muitas das idéias sobre a contratransferência que surgiram em torno dos anos 50 e geraram uma cadeia interminável de aportes científicos haviam sido já intuídas, em grande medida, por Sándor Ferenczi. Embora nos pareça que o autor atinja plenamente tal objetivo, há diversos questionamentos que apontaremos seguindo as subdivisões do seu texto.

Inicia com *O ponto de partida de Freud*, onde sustenta que este, desde 1909, percebia que os sentimentos que emanam do paciente, na análise, podem suscitar outros tantos no analista. Esse fenômeno lhe causava preocupação e inquietude, sendo abundantes as manifestações de Freud neste sentido.

Entretanto, Martín Cabré apóia-se em Etchegoyen (1993, p. 237) para afirmar que, apesar dessas ressalvas, Freud (1910) acreditava “que o conhecimento da contratransferência se ligava ao futuro da psicanálise e que sua compreensão significaria um grande progresso para a técnica psicanalítica”. Martín Cabré, porém, vai além e considera que, neste texto – *As perspectivas futuras da psicanálise* –, Freud:

[...] introduziu mudanças teóricas e metodológicas totalmente revolucionárias. Além de mudar o campo de observação, que situa no analista, que deixa de ser um mero observador para ser um participante operativo, a investigação psicanalítica deixa de ser objetiva e as antigas observações se transformam em experiências. (p. 505).

Em que pesem possíveis diferenças de tradução, não encontramos no referido texto de Freud elementos que corroborem essa afirmativa de Martín Cabré. Freud, no artigo de 1910, dedica apenas um curto parágrafo à contratransferência e parece



hesitante ao escrever “[...] estamos *quase* inclinados a insistir que ele [o médico] reconhecerá a contratransferência, em si mesmo, e a sobrepujará.” (Freud, 1910, p. 130, grifo nosso). Para Martín Cabré, Freud estaria salientando a necessidade de dominar a contratransferência no sentido de poder elaborá-la e não simplesmente sobrepujá-la (*overcome*), como traduzido por Strachey. De fato, o termo adotado por Strachey (do qual se origina a versão em português) parece distorcer a proposição freudiana. Porém a leitura atenta do texto sugere que Freud entende como necessário o *domínio* da contratransferência para permitir a observação *do paciente*. Aponta, para tal, a necessidade da autoanálise contínua, já que “nenhum psicanalista avança além do quanto permitem seus próprios complexos e resistências internas” (ibid, p. 130). Portanto, parece-nos que Freud não *muda o campo de observação*, mas segue mantendo-o no paciente; o que explicita quando, ao imaginar o desenvolvimento futuro da técnica, refere como meta a “observação mais profunda dos pacientes” (ibid, p. 131).

Da mesma forma, não identificamos no texto de Freud a aludida transformação das *observações* em *experiências*. Freud menciona, sim, mudanças técnicas no tratamento das fobias, mas que não parecem transformar o analista num *participante operativo*, em vez de *mero observador*. Diz Freud:

Não se pode ser bem-sucedido em persuadi-los a abandonar suas medidas protetoras e a trabalhar sob a influência da ansiedade desde o início do tratamento. Deve-se, portanto, auxiliá-los ao interpretar-lhes o inconsciente, até que possam tomar uma decisão, sem a proteção de sua fobia e sem que se exponham a uma ansiedade, já grandemente mitigada. Somente depois de assim procederem, o material torna-se acessível e, uma vez dominado, conduz à solução da fobia. (ibid, p. 131).

Como podemos observar, Freud se mostra novamente hesitante e vago ao mencionar a necessidade de alguma atividade por parte do analista nas fobias. De qualquer forma, parece-nos demasiado depreender desta afirmativa a transformação do analista em um *participante operativo*.

Martín Cabré pergunta, então, referindo-se a essas “mudanças teóricas e metodológicas totalmente revolucionárias” que Freud teria introduzido: “Não seriam estes os supostos teóricos sobre os quais Ferenczi iria desenvolver sua própria teoria da contratransferência e algumas de suas intuições mais geniais?” (p.505). Parece-nos que as mudanças teóricas revolucionárias aludidas foram introduzidas por Ferenczi, não estando no texto de Freud. Este mostrou-se sempre receoso sobre o tema. Considerava prudente renunciar a publicar, no momento,



um trabalho sobre a contratransferência, sugerindo fazê-lo circular apenas entre os analistas de maior experiência.

O domínio da contratransferência

No 5º Congresso de Psicanálise em Budapeste, Freud apresentou *Novos caminhos da terapia psicanalítica* (1919). Martín Cabré considera que, neste texto, Freud teria esboçado a formulação teórica da *técnica ativa*, cuja paternidade erroneamente teria sido atribuída a Ferenczi. Entretanto, relendo o texto de Freud, não encontramos substrato que corrobore essa paternidade. De fato, Freud menciona uma *nova técnica* e discute a necessidade de alguma *atividade* por parte do analista nos casos de fobias e obsessivos graves, mas não utiliza o termo *técnica ativa*, nem explicita a que se refere por *atividade*. Reitera, ao longo do texto, os pressupostos da abstinência, concluindo com a célebre frase em que contrasta “o ouro puro da análise livre com o cobre da sugestão direta” (ibid, p. 211). Mais do que isso, Freud atribui explicitamente a Ferenczi o termo *atividade*. Este, por sua vez, conforme Strachey, refere que essa idéia baseava-se numa sugestão oral que lhe fora feita pelo próprio Freud [...] (ibid, p. 204). Como se vê, há controvérsia.

Ferenczi, “sentindo-se autorizado por Freud”, afirma Martín Cabré, aborda a contratransferência no trabalho *A técnica psicanalítica* (1918). Para Ferenczi, a terapia psicanalítica exigiria uma *dupla função*: o analista deve observar o paciente, escutar seu discurso, construir seu inconsciente a partir de suas palavras; em paralelo, deve controlar constantemente sua própria atitude em relação ao paciente e, se necessário, retificá-la. Para tal, é requisito indispensável o *domínio da contratransferência*. Martín Cabré chama a atenção para o fato de que Ferenczi adota o mesmo termo utilizado por Freud (*dominar*) e que, “do mesmo modo que Freud”, que recomendava a autoanálise (1910), Ferenczi considerava como condição necessária que o analista tivesse sido analisado (por outro). Novamente aqui, parece-nos haver um esforço em apresentar Ferenczi em sintonia com Freud, enfatizando mais a semelhança do que a diferença.

Na opinião de Martín Cabré, esta idéia de Ferenczi antecipa o conceito de *neurose de contratransferência*, de Racker (1968). A insistência de Ferenczi na análise do analista – que denomina *segunda regra fundamental* – não apontaria apenas para a sua insuficiente análise com Freud, mas introduz a idéia de que mesmo o mais experiente dos analistas pode cometer graves erros pela contratransferência. Defende, já em 1918, a idéia da análise didática como uma análise terapêutica que jamais deveria confundir-se com um processo de



aprendizagem intelectual ou teórico, sendo tão abrangente e prolongada que permita ao futuro analista entrar em contato com os aspectos mais recônditos e profundos de sua psicopatologia. Martín Cabré destaca a surpreendente modernidade destas idéias.

O processo do *domínio da contratransferência* é descrito por Ferenczi através de três fases bem diferenciadas:

Na 1ª, onde um processo analítico é impossível, o analista está longe de perceber a sua contratransferência, sucumbindo ante as emoções geradas na relação com o paciente.

Na 2ª, a de *resistência à contratransferência*, que também pode conduzir ao fracasso da análise, segundo o autor:

[...] o psicanalista aprendeu pacientemente a avaliar os sintomas da contratransferência e consegue dominar tudo o que poderia levar a complicações em seus atos, palavras ou seus sentimentos, corre, então, o risco de cair no outro extremo, de tornar-se muito duro e esquivo com o paciente, o que retardaria ou, inclusive, impossibilitaria o surgimento da transferência, condição prévia para o sucesso de qualquer psicanálise. (p. 508).

Na 3ª, a do *domínio da contratransferência*, o analista alcança, com a superação das fases anteriores, o estado mental requerido para *deixar-se levar* durante o tratamento.

Martín Cabré sugere que Racker, em *Transferência e contratransferência* (1968), viria a descrever esta mesma idéia de Ferenczi ao referir-se às conseqüências da contrarresistência e ao questionar a *objetividade* do analista. De fato, é surpreendente a semelhança entre os conceitos. Salienta que o realmente inovador, aqui, é que a contratransferência não era considerada um obstáculo ou perigoso inconveniente, mas um instrumento imprescindível e eficaz.

No texto de Ferenczi, há também inúmeras referências a problemas técnicos cotidianos: os silêncios, as resistências, a sonolência, as atuações, mas não somente do paciente, também do analista. Recomenda muita cautela, especialmente na tendência de certos analistas a envolver-se na vida real de seus pacientes através de conselhos ou recomendações diretas que não consideram o substrato transferencial que acompanha os problemas “reais” dos pacientes.

Martín Cabré destaca que, mais que dominar a contratransferência, Ferenczi viria a descobri-la com a aplicação rigorosa da técnica ativa, que evidenciaria uma série de problemas até esse momento ignorados. Ferenczi identificava e



analisava as motivações inconscientes dos *sintomas transitórios* do paciente que surgiam na situação analítica e, então, após *ativá-los*, estimulava o paciente a eliminá-los. Mas, paradoxalmente, quanto mais Ferenczi insistia em *ativar* o paciente, mais suas próprias vivências contratransferenciais eram *ativadas*.

A interação transferencial-contratransferencial

Ferenczi e Rank publicaram *Perspectivas em psicanálise – sobre a interdependência da teoria e da prática* (1924). Até então, o objetivo principal da análise era a *rememoração*. Ferenczi propõe que o objeto essencial da elaboração analítica e, portanto, da interpretação, constitui a compulsão à repetição e as manifestações da transferência, que devem ser consideradas como um *verdadeiro material inconsciente*. A importância determinante que outorga à interpretação transferencial e ao processo analítico, em detrimento do assinalamento intelectualizado dos conteúdos inconscientes, implica em uma virada essencial na concepção da análise, conferindo à contratransferência o valor de instrumento indispensável para reconhecer e detectar os aspectos emergentes e significativos na transferência do paciente.

Ferenczi aponta que muitas vezes o narcisismo do analista (*contratransferência narcisista*) influencia os pacientes para que tragam o material que lhe resulte mais agradável. Os pacientes tenderão a evitar os sentimentos hostis, reforçando sua culpabilidade inconsciente e impedindo o progresso da cura. Sabe-se que Ferenczi recriminava Freud por este não ter analisado a sua transferência negativa. É interessante constatar que a ênfase na interpretação precoce da transferência negativa veio a ocupar um lugar central na técnica de Klein, analisanda de Ferenczi. Martín Cabré não relaciona as intuições de Ferenczi com os desenvolvimentos posteriores de Melanie Klein. Talvez isto decorra do fato de que ela se refere com frequência a Ferenczi, o que não ocorre com os demais autores citados. Entretanto, muitas idéias consideradas kleinianas parecem ter origem em Ferenczi. A ele é atribuído o título de *mãe da psicanálise*, Freud sendo o pai (Chessick, 2004), pela sua ênfase na transferência materna e na concepção da relação originária com a mãe como fundante do psiquismo (Bokanowski, 2000).

Ferenczi propõe que os analistas deixem de lado seus pressupostos teóricos na situação analítica, já que somente enfrentando cada caso, sem retroceder frente às novas experiências, será possível chegar a descobertas originais. Para Martín Cabré, o *sem memória e sem desejo* de Bion seria um desenvolvimento desta intuição de Ferenczi.



Em 1928, Ferenczi escreveu *Elasticidade da técnica psicanalítica*, onde se afastava da técnica ativa e esboçava o que dois anos mais tarde denominaria *neocatarsis*. Apontava a necessidade de que o analista adquirisse *Einfühlung* (tato, empatia, capacidade de *sentir com*). Martín Cabré enfatiza – novamente – que Ferenczi utiliza um termo de Freud (1910).

Este, em *Psicanálise Silvestre* (1910), utiliza o termo ao alertar para o risco de fazer interpretações selvagens. Escreve que “A psicanálise fornece essas regras técnicas definidas para substituir o indefinível tato médico (*Einfühlung*) que se considera como um dom especial.” (op. cit., p.212). Assim, parece que Ferenczi não estaria *com* Freud neste caso e, sim, se opondo a ele e atribuindo uma função psicanalítica (fundamental) ao *tato médico/empatia* que Freud, no texto citado, parecia desconsiderar.

De fato, no texto de 1913, *Sobre o início do tratamento*, Freud valoriza a experiência do *Einfühlung* para o trabalho terapêutico. Sugere que o estabelecimento de processos transferenciais está condicionado à capacidade do analista em adotar uma posição empática. Entretanto, curiosamente, na tradução inglesa a palavra alemã *Einfühlung* é traduzida por *sympathetic understanding*, na edição espanhola, *cariñoso interés y simpatía* e, em português, *compreensão simpática*. (Freud, 1913, p. 182). Uma hipótese é que as traduções evitam o termo *empatia* pelos conhecidos receios de Freud quanto aos usos que Ferenczi sugere para a capacidade de empatia (*Einfühlung*) que deve sustentá-lo. Na correspondência entre ambos, encontramos a seguinte admoestação de Freud a Ferenczi, em 4 de janeiro de 1928:

Por mais verdadeiro que seja o que você tem a dizer sobre o tato, essa admissão parece-me ainda mais questionável nessa forma. Todos aqueles que não possuem tato verão nisso a justificativa de uma arbitrariedade, ou seja, de um fator subjetivo [...]. (apud Coelho Jr., 2004, p. 76).

Mais uma vez, o autor parece apresentar Ferenczi *de acordo* com Freud (*sentindo com?*). Esta era, sabe-se, uma necessidade reiteradamente expressa por Ferenczi. Cabe citar a resposta de Freud em carta de 4 de fevereiro de 1924:

Quanto ao seu desejo de estar perfeitamente de acordo comigo, toca-me como sendo a expressão de sua amizade, mas estimo que este objetivo não seja nem desejável, nem de fácil obtenção [...] Por que você não teria o direito de tentar ver se as coisas não funcionariam de uma forma diferente daquela que eu próprio pensei? (apud Bokanowski, 2000, p. 31).



Einfühlung em alemão literal corresponde a *sentir com* e sua tradução habitual é *empatia*. Independente da sintonia ou divergência de Freud, este conceito de Ferenczi é dos mais profícuos, considerando-se a progressiva ênfase da psicanálise contemporânea nos aspectos relacionais, interativos e intersubjetivos. Martín Cabré considera que o conceito de *Einfühlung* de Ferenczi tem *proximidade* com os conceitos posteriores de *empatia* (Kohut), *aliança terapêutica* (Zetzel) e *contratransferência concordante* (Racker). Poderíamos agregar ainda o *at-onement* de Bion (1970) e as contribuições, entre outros, de Ferro, Fonagy e Stern, o qual descreve, na análise, um movimento de perceber, partilhar e promover mudanças na *relação implícita compartilhada*, estabelecendo uma nova *forma de estar com* (apud Mondrzac, 2005).

Ferenczi propõe como objetivo terapêutico a substituição do superego parental rígido por um superego analítico mais flexível, postulando a necessidade de afastar-se de uma atitude onisciente em benefício de uma atitude mais acolhedora e intuitiva. Em *A adaptação da família à criança* (1928), propõe que a análise deve ajustar-se às necessidades do paciente e não o contrário, idéias desenvolvidas posteriormente por Winnicott.

Em *Princípios de relaxamento e neocatarsis* (1930), Ferenczi busca conciliar a *técnica clássica* de Freud com uma atitude terapêutica compreensiva que facilite a regressão do paciente, sob a condição de que o analista controle com rigor sua *contratransferência* e sua *contrarresistência*. Para Martín Cabré, além de inverter radicalmente a metáfora do cirurgião, Ferenczi estabelece as bases de uma teoria da contratransferência como disposição materna. A cura analítica passa por uma experiência reparadora daquilo que havia sido negado ao paciente durante a infância, mais que pelo levantamento da repressão. Martín Cabré entende que desta concepção derivam múltiplos aportes posteriores de Winnicott (a situação analítica como uma relação intersubjetiva de características similares à relação mãe-bebê, a *preocupação materna primária*, a regressão, entre outros), a *rêverie* (e, acrescentaríamos, *o paciente como melhor colega*), de Bion, as *percepções inconscientes do analista*, de Paula Heimann, a *contraidentificação projetiva* de Grinberg e o *analista como objeto transformador* de Bollas.

O Diário Clínico

Martín Cabré entende que o *Diário Clínico* de Ferenczi pode ser considerado como uma *longa carta* de nove meses a Freud, contendo “uma série de sutis intuições e contribuições inestimáveis para a técnica psicanalítica.” (p. 514).



Destaca a *contratransferência real* como a reflexão principal de todas as anotações de Ferenczi: a contratransferência não somente não é um obstáculo, senão que se transforma em um instrumento indispensável para o analista.

Quase se poderia afirmar – assegura Ferenczi (citado por Martín Cabré, p. 514) – que quanto maiores forem as fraquezas do analista que o conduzem a erros e fracassos [...], tanto maiores são as possibilidades de que a análise adquira bases profundas e reais. (p. 514).

Ferenczi demonstra ainda que a transferência não decorre de um fato espontâneo, mas é induzida pelo analista. Constata que o analista não consegue se transformar em um pai/mãe bons para o paciente, mas, pelo contrário, se converte em um protagonista ativo que repete a situação traumática de que o paciente havia sido vítima na infância.

Cabe lembrar aqui os desenvolvimentos recentes em torno dos conceitos de *enactment* e *acting outs*, os fenômenos de campo (Baranger & Baranger, 1961), do negativo (Green, 2006) e regrediência (Botella, 2002), como também os aportes de Antonino Ferro sobre as técnicas narrativas (1998). A atenção para experiências psíquicas anteriores à compreensão verbal, relacionadas a conteúdos que nunca foram conscientes (ou pré-conscientes), faz de Ferenczi o patrono de discussões técnicas que até hoje nos incitam a pensar. Aliás, André Green reconhece Ferenczi como o pai de grande parte da psicanálise contemporânea (Coelho Jr, 2000).

Posteriormente, Ferenczi passou a intercambiar, de maneira experimental, seu papel de analista com o do paciente. Embora não concorde com a comunicação da contratransferência ao paciente nem com a análise mútua, Martín Cabré aponta a continuidade dessas idéias na literatura psicanalítica nos trabalhos de Winnicott (1947), M. Little (1951), Langs (1974), Epstein (1977), Gorkin (1987) e Searles (1975).

Após a morte de Ferenczi, o artigo *Confusão de línguas* é retirado da publicação prevista no *International Journal* (Bokanowski, 2000) e suas mais geniais intuições clínicas, especialmente as concernentes à contratransferência, foram praticamente esquecidas.

Martín Cabré encerra explicitando sua gratidão a Ferenczi, que – segundo suas palavras – analisou e formou analistas como Jones, Klein, Balint e Spitz, fundou a escola húngara de psicanálise, publicou mais de uma centena de trabalhos de surpreendente modernidade e fez da eficácia terapêutica o pilar fundamental da ética psicanalítica.

Sabe-se que muitas das idéias de vanguarda de Ferenczi surgiram em um



momento em que ainda não havia instrumentos conceituais para compreender tais avanços. As suas concepções vêm sendo progressivamente valorizadas, embora, ao apresentá-las, ele tenha sido isolado e mesmo acusado de estar física e mentalmente doente (Chessick, 2005). Nossa impressão, coincidente com a de Blaya Luz (2006), é de que fenômenos transferenciais e contratransferenciais, além de questões políticas, influenciaram no modo com que Ferenczi e Freud lidaram com as férteis intuições do *enfant terrible*.

Além disso, a forma como a comunidade psicanalítica, ainda não disposta a abrir mão de sua pretensa neutralidade científica (Gerber, 1999), reagiu a Ferenczi lembra a reação do *establishment* que busca controlar o *gênio* descrita por Bion (1970). Em 1932, Freud pede a Ferenczi que se abstenha de qualquer publicação, entretanto insiste para que aceite a presidência da IPA! (Bokanowski, 2000).

Outro ponto interessante destacado por Martín Cabré é a repetição, entre Melanie Klein e Paula Heimann, do mesmo tipo de proibição envolvendo o tema da contratransferência. Estaria aí ocorrendo uma transmissão transgeracional do trauma? Freud e Ferenczi → Melanie Klein e Paula Heimann?

Concluindo, parece-nos justificada e relevante a iniciativa de resgatar Ferenczi, cujo trabalho é reconhecido hoje por sua riqueza, originalidade e vanguardismo (Gerber, 1999). Blum reconhece que foi Ferenczi quem realmente iniciou um novo foco na mente do analista, o qual influencia o processo analítico com comunicações bilaterais, inconscientes (Chessick, 2005). Entretanto, parece-nos questionável a aparente tentativa de validar Ferenczi através da afirmação repetida da origem de suas idéias em Freud. Consideramos que as diferenças teóricas e técnicas propostas por Ferenczi não fazem dele um opositor de Freud ou da psicanálise. Gerber (ibid) salienta que, já naquela época, o físico Niels Bohr postulava que *contraria sunt complementa* – ou seja, os opostos são complementares. □

Referências

- BARANGER, W. & BARANGER, M. (1961). *Problemas do Campo Psicanalítico*. Buenos Aires: Kargieman.
- BION, W.R. (1970). Attention and interpretation. In: *Seven servants*. New York: Jason Aronson, 1977.
- BLAYA LUZ, A. (2006). Confusão de línguas entre Freud-Ferenczi. In: *Revista de Psicanálise da SPPA*, v. 13, n. 1, abril, p.59-74.
- BOKANOWSKI, T. (2000). *Sándor Ferenczi*. São Paulo: Via Lettera.



- BOTELLA, C. & BOTELLA, S. *Irrepresentável: mais além da representação*. Porto Alegre, Sociedade de Psicologia do RS: Criação Humana, 2002.
- CHESSICK, R. (2005). Book Forum: psychoanalysis: understanding dissidence and controversy in the history of psychoanalysis. Martin S. Bergmann, ed. New York: Other Press, 2004, *Am. J. Psychiatry* 162:824-826, abril, 2005.
- COELHO JUNIOR, N.E. (2004). Ferenczi e a experiência da Einfühlung. *Ágora*, v.7 n.1, Rio de Janeiro July/Jan.
- FERENCZI, S. *Obras Completas*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- FERRO, A. *Na sala de análise: emoções, relatos, transformações*. Rio de Janeiro: Imago, 1998.
- FREUD, S. (1910). As perspectivas futuras da psicanálise. *ESB*, 1980, v. 11.
- _____. (1919). Novos caminhos da terapia psicanalítica. *ESB*, 1980, v. 17.
- GERBER, I. (1999). Caminhos da intersubjetividade: Ferenczi, Bion, Matte-Blanco. *Psicol. USP* [internet]. v. 10, n. 1, p. 141-155.
- GREEN, A. (2000). The intrapsychic and intersubjective in psychoanalysis. In: *The Psychoanalytic Quarterly*, v. 49, n. 1, p.1-39.
- _____. (1993). El trabajo del negativo. Buenos Aires: Amorrortu, 2006.
- KLEIN, M. *Obras completas*. Buenos Aires: Paidós, 1990.
- MONDRZAC, V. S. (2005). Teorias da ação terapêutica. In: EIZIRIK, C.L.; AGUIAR, R. e SCHESTATSKY, S. *Psicoterapia de orientação analítica: fundamentos teóricos e clínicos*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2 ed., p. 130-140.
- RACKER, H. *Estudos sobre a técnica psicanalítica*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981.

Recebido em 10/05/2009

Aceito em 18/05/2009

Patrícia Fabrício Lago

Av. Taquara, 193/405
90460-210 – Porto Alegre – RS – Brasil
e-mail: patlago@terra.com.br

Clarice Kowacs

Rua Padre Chagas, 147/803
90570-080 – Porto Alegre – RS – Brasil
e-mail: ckowacs@terra.com.br

Lúcia Thaler

Rua Faria Santos, 47/401
90670-150 – Porto Alegre – RS – Brasil
e-mail: luthaler@via-rs.net

© Revista de Psicanálise – SPPA